

DAS PROFUNDEZAS DO INFERNO NÓS CLAMAMOS A TI, SENHOR!

A Anistia Internacional — organização para defesa dos Direitos Humanos em todos os países em que eles são violados — publicou há pouco um documento intitulado "O Inferno", em que uma testemunha descreve a vida num centro de tortura uruguaio. Eis alguns trechos do pavoroso relato, fotografia e parábola das relações humanas em um país que também faz questão de ser oficialmente cristão:

"Que é O Inferno? Em primeiro lugar, um local que ainda não foi localizado. Comparando nossas notas e trocando informações com outros companheiros, chegamos à conclusão que deve haver, pelo menos, três a quatro Infernos. A tortura é praticada tanto em casas particulares como nas prisões e repartições, aqui no Uruguai, mas O Inferno é um local concebido unicamente para funcionar como centro de tortura.

Eu tinha o número cento e poucos. Um dia, fiquei horrorizado ao ouvir chamar o número 345. Ao nascer do dia, eles começaram a chamar certos números. O 39 era uma mulher, soube mais tarde, e a ouvi gritar nesta manhã. A sala de tortura ficava ao lado. A cada "sessão" ela berrava sem parar. Sentaram alguém a meu lado. Procurei ver alguma coisa, uma face, não importava o que fosse. Procurei mexer na venda que me cobria os olhos.

Minha vizinha caiu. Alguém fez um gesto para socorrê-la. Ela permaneceu desfalecida no chão. Só Deus sabe por quanto tempo. Depois ela pediu um pouco d'água e alguém que me parecia muito jovem a molhou com um jarro. Ela desfaleceu novamente. No terceiro dia, eles me arrancaram de minha cadeira e, sem gritar meu número, fizeram-me subir uma escada ao lado de um muro. Os degraus de cerâmica amarela estavam muito gastos. Foi meu primeiro interrogatório na sala de tortura. Iriam interrogar um homem e eu devia assistir

como testemunha, a fim de saber o que me estava reservado. "Está vendo?" — perguntou-me um homem. "Se não falar vai receber o mesmo tratamento".

Eu sabia quem era o preso e o que dele pretendiam. Sabia também que ele nada diria. Ele permanecia gemendo no chão. Na noite anterior, fora suspenso pelos braços e quebrado. Quebrado podia ser muita coisa. Podiam ser choques elétricos aplicados nos órgãos genitais e outros pontos sensíveis ou ser coberto de pancadas. Quando o interrogado desfalece, é submetido ao tratamento do *submarino*: mergulham sua cabeça num vaso de metal cheio de excrementos, urina e água. O cheiro é insuportável.

Ele me contou tudo isso e mais outras coisas alguns meses mais tarde, quando o deixaram sentar-se no chão e falar de tempos em tempos. Em verdade, não contou tudo, como nós. Não tínhamos a coragem de revelar as piores coisas, as mais humilhantes e as mais dolorosas. Dia após dia, noite após noite, torturaram-no desta maneira, e isso durante 63 dias. Sua força moral e física era tal que, depois que deixou O Inferno, utilizaram-no como objeto de experiência. Um oficial, acompanhado de alunos aos quais devia ministrar cursos de *trabalhos práticos*, passou a ocupar-se dele. O Magro, como era apelidado, servia de cobaia. O oficial começava por indicar os pontos mais sensíveis do corpo às descargas elétricas: as partes genitais, o rosto, as axilas. Os alunos deviam depois mostrar que haviam aprendido a lição razoavelmente, mesmo que o Magro pudesse cair morto a qualquer momento. Eles nos torturaram durante todo o dia. Tomavam pessoas por grupos de três ou quatro. Arrastavam-nas e as atiravam literalmente no chão; ou, se o preso estava em muito mau estado, sobre um colchão. Muitos já nem mais gemiam, estavam inconscientes. Alguns deles, entre os quais eu, que ainda não se acha-

vam em tal estado, morriam de medo. De tempos em tempos, alguém deixava escapar um débil gemido.

A companheira permaneceu soluçando um dia inteiro. Ao cair da noite, eles a levaram. Pude ouvi-la gritar ao longe. Seus gritos tornaram-se cada vez mais fortes. Berrava de terror, na agonia. Era uma mulher e uma mãe. Eu a conhecia bem. Encontra-se atualmente na prisão de Punta Rieles. De repente, tudo parou. Suspenderam a tortura, fez-se um silêncio mortal. Alguém correu. Ouviram-se palavras cochichadas. A tortura cessara e também os gritos. Passaram-se alguns instantes. Ouviu-se o barulho de um motor posto em marcha e que se afastava na distância. Alguém morrera".

Os bandidos também estão um ano mais perto da morte, pois passou mais um ano de nossas vidas. O passar do tempo é inexorável e nada faz deter o rolo compressor. O inferno aí de cima é símbolo agressivo duma espécie de mundo onde as pessoas, em sua cegueira, perdem de vista verdade tão clara. Por isso, usam de todos os recursos desumanos e bestiais para forçar a permanência de suas vantagens predatórias. Não é só a pobre vítima, que está nas mãos misteriosas de Deus, mas é sobretudo este mundo da opressão do irmão que está condenado inapelavelmente à morte.

A escada rolante do tempo nos carregou um ano para mais perto de Deus. Não dá pra pular fora. A consciência de nossa efemeridade, recomenda o Evangelho que abandonemos as obras das trevas, pois a noite está descambando e se aproxima o Dia de Cristo. Não adianta querer segurar-se, pois esta segurança não existe, o que adianta é doar-se. Aproveitemos então os anos de nossa vida para erradicarmos a iniquidade primeiro de nosso coração; aproveitemos a vida breve para nos juntarmos aos irmãos pequenos nas comunidades cristãs e criarmos força para enfrentarmos todas as opressões e explorações que caracterizam o homem como imagem de Deus. Com estes votos de coragem e otimismo, porque Cristo está conosco, desejamos a todos vocês um Feliz Ano Novo.

CATABIS & CATACRESES

BARCO DE MUITOS MESTRES...

1. Tem aquela do Dr. Ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, o qual divinamente tranqüilo e superior a todos os Pises e Pasespes, a todas as inflações, deflações, estagflações etc., declarou o seguinte.

2. A dívida externa bruta do país chegará aos 40 bilhões de dólares em 31 de dezembro deste ano, ou seja, crescerá 25% em relação a 1977. Mas o mesmo doutor acha que, descontando os 10 bilhões de reservas, a dívida líquida será apenas de 30 bilhões: "um bom volume",

segundo o doutor.

3. Brasilino que não sabe contar em dólares, como o ministro, e muito menos em bilhões, coça a cuca subdesenvolvida e procura entender, ele o eterno sacrificado do salário mínimo. Não entende as grandes acrobacias dos doutores, mas sente na carne os catabis de um dinheirinho surrado, minguado que de semana em semana, ali na venda, ali no ônibus, ali na rua, vai sendo cada vez mais vento e poeira.

4. Brasilino coça a cuca e pensa: "Esses

doutô! Cada um que venda seu peixe pelo preço que achá mió. A gente que se dane".

5. No fim do ano brasilino olha o passado: "Foi danado de duro, doutô!" Aventura um olhar para o futuro cheio de névoa e bruma e sorri: "Depois tudo vai miorá mais..."

6. Brasilino é o eterno, incorrigível otimista. Mas sabe ele que "barco de muitos mestres dá na costa..." Estamos conversados, leitor? Chau, e uma boa entrada de ano. Chau!

SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS MARIA JOSÉ (31-12-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote
Cantos: Campanha da Fraternidade 1976.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

- 1** 1. *Meu irmão, vamos cantar, eu não vou cantar só! Se sozinho rezo bem, com você vai melhor. Jesus Cristo, Deus nos céus! Jesus Cristo em Belém! Jesus Cristo entre nós! Como é bom amar assim!*
2. *Onde dois ou três estão reunidos no amor, também reza entre nós Cristo, nosso Senhor.*

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.
S. Irmãos, o Senhor fortaleça os corações de vocês numa santidade irrepreensível diante de Deus nosso Pai, por ocasião da vida de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Hoje é dia dedicado à Sagrada Família. Quase ninguém ousaria mais escrever admoestações familiares do tipo das que estão na primeira leitura. Estas admoestações já têm mais de dois mil anos de idade. Tão mais valiosas são, para serem refletidas pelos pais e filhos.
— Na segunda leitura, Paulo ensina que a norma de toda ética cristã é Cristo mesmo. Ele é não só modelo de comportamento, mas fonte de graça, capaz de ajudar os homens a conviverem em paz.
— Na terceira leitura, vemos a Sagrada Família cumprindo prescrição legal da religião israelita. As frases finais contam um pouco de sua vida oculta em Nazaré: vive pobre como seus pais, deles recebe tudo que precisa para a vida, aprende a andar e a falar como os outros meninos, aprende a rezar e a trabalhar. Família pobre como os outros pobres. Os pobres serão libertados pelo Reino que chegou e deles partirá a força que vai transformar o mundo.

4 ATO PENITENCIAL

S. *(Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. No fim, momentos de silêncio para revisão de vida).*
Perdão, Senhor, por eu não amar a cada irmão com o mesmo amor com que você amou.

1. *A Deus que é Pai Você amou constante, sem nunca estar cansado, fiel a cada instante, até morrer.*
2. *A meus irmãos Você amou constante, sem nunca estar cansado. Também a cada instante eu devo amar.*
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória! Glória a Deus nos céus! Ao Deus que é santo e bom nosso louvor.
1. *Mas ao Cristo Menino nos braços da Mãe, não os gritos nem hinos nem voz de louvor, mas só gestos de fé, alegria e paz, só ternura, carinho e calor.*
2. *No presépio deitado entre palhas e flor, Jesus Cristo recebe o rei e o pastor.*

Deus se fez pequenino e se fez Salvador. Glória à Mãe e a seu Filho Menino!

6 COLETA

S. Oremos: Senhor nosso Deus, na Sagrada Família de Nazaré nos destes exemplo luminoso. Ajudai nossas famílias a viverem a graça da união e da piedade, a fim de permanecerem no amor. Guiai-nos a todos para a comunhão dos santos, em vossa casa paterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

1 C. *A primeira leitura é tirada do Livro do Eclesiástico, cap. 3, versos 3 a 7 e 14 a 17. Escritas há mais de dois mil anos, as recomendações deste escritor sagrado, que se dá o nome de Filho de Sirac, traçam as condições para que o respeito e a compreensão entre os pais e filhos levem a família a uma convivência geradora de felicidade doméstica.*

L. *Leitura do Livro do Eclesiástico: «O Senhor estabeleceu que os filhos respeitem seu pai e confirmou a autoridade da mãe sobre eles. Quem honra o pai apaga seus pecados; e o que agrada sua mãe acumula um tesouro. O que honra seu pai receberá alegria de seus filhos; quando pedir, será escutado. Quem honra seu pai terá vida longa. O que obedece ao Senhor dá descanso à sua mãe e serve aos que lhe deram a vida. Filho, cuida de teu pai em sua velhice; enquanto ele viver, não lhe causes tristeza. Se seu espírito se debilita, perdoa e não o desprezes, tu que estás cheio de força juvenil. Pois a caridade para com o pai não será esquecida; ela te servirá como reparação de teus pecados. Então, quando estiveres sofrendo, Deus se lembrará de ti; aí, como o calor derrete o gelo, assim se dissolverão os teus pecados». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.*

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Profetas anunciaram e Cristo se encarnou. O que era só mistério nascendo se revelou.

1. *Como o seio de Maria é fecundo e dá a luz, toda a História amadurece, frutifica em Jesus.*
2. *Cristo nasce no silêncio e na paz do coração. Nossa vida deve sempre revelá-lo ao irmão.*

9 SEGUNDA LEITURA

C. *A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Colossenses, cap. 3, versos 12 a 21. O fundamento da boa conduta do cristão é Cristo mesmo. Fundamento e força que torna os homens capazes*

de conviverem em paz. É nesta paz que a Palavra de Deus quer cair, para poder dar o fruto da alegria na vida comum.

L. *Leitura da Carta de São Paulo aos Colossenses: «Irmãos: como eleitos de Deus, santos e queridos d'Ele, ponham roupa nova: vistam-se com sentimentos de terna compaixão, de bondade, de humildade, de mansidão e de paciência. Aceitem-se e perdoem-se uns aos outros, no caso que alguém tenha motivo de queixa contra o outro. Como o Senhor nos perdoou, assim também façamos o mesmo. E, acima de tudo, tenham o amor que tudo reúne e tudo torna perfeito. Que a paz de Deus reine em seus corações, pois vocês foram reunidos em um mesmo corpo, a fim de encontrar a paz. Finalmente, sejam agradecidos. Que a palavra de Cristo habite em vocês, com todas as suas riquezas. Saibam aconselhar-se uns aos outros e mutuamente ensinar-se com palavras e conselhos sábios. Com o coração agradecido, proclamem os louvores de Deus em salmos, hinos e cânticos inspirados. E tudo o que vocês possam dizer ou fazer, façam em nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus Pai, por meio dele». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.*

10 ACLAMAÇÃO

- 1** *Aos pastores na noite em paz, veio o anjo anunciando a luz. Encontraram a Virgem Mãe e, em seu colo, feliz Jesus. Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!*
2. *No Evangelho que vou ouvir, eu encontro a Jesus também. Quero ouvir o que vai dizer, quero alegre vivê-lo. P. Amém.*

11 TERCEIRA LEITURA

C. *A terceira leitura é tirada do Evangelho de Lucas, cap. 2, versos 22 a 40. Ao Evangelho interessa menos mostrar um quadro de família vivendo unida na alegria e no sofrimento, do que proclamar que, com a chegada de Jesus, algo de profundamente decisivo aconteceu ao povo de Israel: em Jesus, cumprem-se a história e a missão deste povo.*

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas. P. Glória a vós, Senhor.

S. «Quando chegou o dia em que, segundo a Lei de Moisés, deviam cumprir o rito de purificação da mãe, eles levaram o menino a Jerusalém. Lá o consagraram ao Senhor, tal como está escrito na Lei: «Todo varão primogênito será consagrado ao Senhor». Depois ofereceram o resgate que a Lei ordena:

um casal de pombos. Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era muito bom e piedoso e o Espírito Santo estava nele. Esperava os tempos em que Deus atenderia a Israel e sabia, por uma revelação do Espírito Santo, que não morreria antes de haver visto o Ungido do Senhor. Inspirado pelo Espírito, ele veio ao templo, quando os pais traziam o menino Jesus para cumprir com ele as exigências da Lei. Simeão tomou o menino em seus braços e louvou a Deus, nestes termos: «Senhor, agora podes deixar que teu servo morra em paz, como prometeste. Porque meus olhos viram teu Salvador que preparaste para apresentar a todas as nações. Ele é a luz que ilumina todos os povos, ele é a glória de teu povo de Israel». Seu pai e sua mãe estavam maravilhados com todas aquelas coisas que Simeão dizia do menino. Simeão o abençoou e depois disse a Maria, sua mãe: «Este menino vai ser causa tanto de queda como de ressurreição para o povo de Israel. Será posto como sinal de contradição, de modo que o atacam; e a ti mesma uma espada atravessará a alma. Mas nisso os homens mostrarão claramente o que sentem em seus corações». Havia também no templo uma mulher de idade muito avançada, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Após sete anos de casada, ficou viúva. Tendo já oitenta e quatro anos, não se afastava do templo e servia dia e noite ao Senhor, orando e jejuando. Ela também tinha o dom da profecia. Chegando neste mesmo momento, ela começou a louvar a Deus e a falar do menino a todos os que esperavam a libertação de Israel. Depois que cumpriram tudo o que prescrevia a Lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para a cidade de Nazaré. E o menino crescia, se desenvolvia e se tornava cada dia mais sábio. E a graça de Deus estava com ele». — Palavra da salvação. **P. Louvor a vós, ó Cristo.**

12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio, para reflexão pessoal)

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai...

14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Irmãos, a família é o terreno bom ou ruim, que faz brotar planta boa ou planta ruim. O que faz o terreno da família ser bom é a união, a compreensão e a paz doméstica. Para que Deus nos ajude a construirmos esta paz em nossos lares, elevemos nossas preces:

1. *Pelas nossas famílias, para que aprendam hoje as lições de união, amor e paz da Sagrada Família de Nazaré, rezemos ao Senhor.*

2. *Para que as dificuldades, normais em cada dia, não provoquem afastamento, mas sirvam para promover o aprofundamento da união, rezemos ao Senhor.*

3. *Para que Deus dê a todas as nossas famílias sua bênção, de forma que entremos no ano novo com otimismo e certeza da presença de Deus em nossa luta, rezemos ao Senhor.*

4. *Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.*

S. Senhor Deus, as famílias de nossa comunidade façam de vossa Sagrada Família o modelo a imitar e se esforcem para que, em suas casas, haja aquele amor, aquela compreensão e aquela disponibilidade para Deus que havia na casinha humilde de Nazaré. Ajudai-nos com a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

 *Vou levar a Deus no altar meus dons, o bem que pratiquei e meus desejos bons.*

1. *Sobre o altar oferecemos o pão e o vinho ao Senhor, como Cristo recebeu coisas simples do pastor.*

2. *Os reis magos lhe trouxeram seus presentes de valor; sendo igual o coração, vale o rei, vale o pastor.*

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome, / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor Deus, na festa da Sagrada Família, nós vos oferecemos o sacrifício de nossa reconciliação; pela intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus, e de São José, firmai nossas famílias em vossa graça e ajudai-as a viver na vossa paz. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

17 PREFÁCIO (próprio)

Santo, santo é Deus nas alturas! Santo, santo é o Menino Deus.

Sobre as nuvens Deus e entre os anjos Deus. Bem maior que o céu, maior que tudo é Deus. No presépio é um pequenino Deus. Entre as mãos da Mãe é um pequenino amor.

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (Cabe ao sacerdote somente. Após a consagração):

P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus, Cristo nosso Irmão: Cristo, bom pastor, de todos tenha compaixão.

1. *Nosso coração traiu, quando a vida mais pesou. Nós pedimos seu perdão, pelo amor que não bastou.*

2. *Quantas vezes ofender, tantas vezes voltará; nosso pobre coração seu amor perdoará.*

19 CANTO DA COMUNHÃO

 *Os anjos vêm cantando no céu, contando felizes que Cristo nasceu.*

1. *Os pastores levam os seus presentes, vão cantando, também estão contentes. Na esperança falam sua alegria e encontram Deus feito uma criança nos braços de Maria.*

2. *Deus agora ao seu altar nos chama, nos convida a vir porque nos ama. Comunguemos cheios de alegria Jesus Cristo feito também pequeno na santa Eucaristia.*

20 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Deus nosso Pai, vós nos alimentastes com o Pão do céu. Ficai ao nosso lado, com vossa graça, para que imitemos o modelo da Sagrada Família e, após as cansaças desta vida, sejamos levados para sua presença, a fim de recebermos a herança que prometestes a vossos filhos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

 (Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. *Muitos pais, após criarem e darem tudo aos filhos, terminam a vida na amargura, porque muitos filhos, depois de criados, só se interessam pela sua carreira. Está aí na Escritura: esta é uma atitude abominável, demonstra falta de amor com nosso próximo mais próximo. Muitos pais também se decepcionam com os filhos e os chamam ingratos. Acontecem casos em que os pais não sabem mostrar o amor que têm aos filhos. Para viver, o amor precisa não só existir mas dar provas de sua existência, isto é: na família, um tendo paciência com o outro, um perdando os defeitos do outro, um aceitando o outro como ele é e como Deus o fez, um querendo realmente o bem do outro e não só o próprio bem.*

22 CANTO FINAL

Guiados pela voz dos anjos e da fé, achamos Deus Menino, com Maria e José.

1. *Ó Príncipe da paz, ó Deus libertador, transforme nossa vida em aliança de amor.*

2. *Trocamos dons com Deus, trouxemos vinho e pão, e agora comungamos, recebendo a salvação.*

3. *Saindo agora eu vou cumprir minha missão e Cristo, Deus conosco, levarei a cada irmão.*

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, e Filho, e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

IMAGEM DO ANO QUE FINDA

1. Não, irmão, ainda não perdemos a esperança. Olhamos para trás, pro ano que passou, pra luta que nunca finda e pra aurora que desponta. Somos assim, nós, povo: nunca perdemos a esperança. Sonhamos melhores dias, mais paz, amor, alegria, sempre sonhamos futuro, irmãos vivendo co'irmãos. E o ano de sonhos desfeitos? e o ano de esperanças vãs? Nós esperamos apesar de tudo. Tanto cantaram, tanto bailaram, eles os grandes solistas da grande ária teatral. Orquestra? Trombetas sagradas. Coro? O dos bajuladores. Ai, ai, ai de nós!

2. Tanto cantaram e fingiram. Tanto bailaram e mentiram. Não te lembras dos augúrios? das promessas hiperbólicas? Ágeis mágicos da técnica, da finança e da política, do produto bruto ou líquido, como sabem manejar a varinha de condão. Eis a potência emergente e o milagre brasileiro. E ninguém sabe nem vê (saber e ver para quê?) como sangras, zedasilva: tua carne fazem ouro, teu sangue fazem petróleo, mas te deixam quase morto, apenas lúgubre ossada, esquecido em qualquer hortó, jogado em qualquer estrada. Tu não morres, zedasilva.

3. Como nós povo sentimos a dor das palavras ocas, vãs palavras sem sentido, e as promessas não cumpridas. Nós povo sem água e pão. Nós povo sem terra e casa. Povo sem rumo e grandeza. Nós quase povo sem alma... Mesmo assim, meu zedasilva, não perdemos a esperança. Nós temos um Salvador, um grande libertador, que alimenta e multiplica nossa força de lutar, que nos faz resuscitar da morte e da frustração; que veio denunciar opressores e opressão. Surgirá um dia claro, tem certeza, meu irmão. (A. H.)

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Nm 6,22-27; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21 / Terça-feira: 1Jo 2,22-28; Jo 1, 19-28 / Quarta-feira: 1Jo 2,29-3,6; Jo 1,29-34 / Quinta-feira: 1Jo 3,7-10; Jo 1, 35-42 / Sexta-feira: 1Jo 3,11-21; Jo 1, 43-51 / Sábado: 1Jo 5,5-6,8-13; Mc 1, 6b-11.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

GRANDES TAREFAS DE JOÃO PAULO I

A Folha: Nas primeiras semanas do Papa João Paulo I — que é quando fazemos esta entrevista para o último número de a Folha em 78 — o que é que o senhor, Dom Adriano, espera do novo Papa? Quais as suas grandes tarefas na Igreja de hoje?

Dom Adriano: Em primeiro lugar desejo e espero que João Paulo I continue o processo renovador de João XXIII e Paulo VI. É isto mesmo o que deu a entender quando, contra qualquer suposição, tomou o nome duplo de João Paulo. O Cardeal Albino Luciani quer ser João e Paulo, seus antecessores imediatos, sem deixar de ser João Paulo I. Tenho certeza de que continuará corajosamente, sorridentemente o esforço de concretização do Vaticano II. Passo atrás? marcha a ré? Pode ser que grupos radicais de direita sonhem ainda hoje o impossível sonho de uma anulação do Vaticano II, como se fosse possível à história da salvação fixar-se num ponto qualquer do tempo, mesmo que este ponto tivesse a grandeza da Igreja primitiva por ex. ou do movimento franciscano, ou do Concílio de Trento. Nós vivemos já, como cristãos, a plenitude dos tempos por Jesus Cristo. Não há retorno. As maravilhas de Deus na História são maravilhas de Deus, ontem, hoje e amanhã. Sempre as mesmas e sempre novas. Esperamos que o novo Papa apresse, na base do trabalho feito por seus dois grandes predecessores, a aplicação da linha conciliar a todos os aspectos essenciais da Igreja.

A Folha: O senhor poderia citar algum desses aspectos?

Dom Adriano: Um deles será certamente a valorização da Igreja particular, como expressão concreta e pluriforme da unidade da Igreja universal e como resposta particular a muitas situações existenciais que não se deixam uniformizar. Poderíamos talvez formular: a centralização necessária de par com a descentralização possível. Para nós o Papa será sempre o sinal visível da unidade da Igreja e a pedra sobre a qual Jesus Cristo constrói a sua Igreja. Minha força de bispo de Nova Iguaçu está na de-

pendência de minha união com Pedro, o Papa. De outro lado o bispo não é delegado do Papa, mas tem uma função de Igreja por sua integração no colégio dos bispos com o Papa e sob o Papa. Uma tarefa para João Paulo I será talvez alargar a faixa de atuação própria da Igreja particular com seu bispo, sem sacrificar a unidade essencial garantida pelo sinal visível que é o Papa. Um alargamento que só fará fecundar e intensificar a pastoral, como resposta concreta da Igreja particular aos desafios de sua área.

A Folha: Mas não se andou muito desde o Concílio nesta valorização da Igreja particular?

Dom Adriano: Sem dúvida. Quando eu penso na camisa de força que era, até o Vaticano II, o centralismo jurídico de Roma, assumindo os aspectos mínimos da vida interna das dioceses e da função episcopal, reduzindo o colégio dos bispos a simples executores de normas, decretos, leis, pareceres etc. da Cúria Romana, reconheço que andamos um longo trecho do caminho de valorização da Igreja particular e da função do bispo. Mas ainda resta muita coisa. Evidentemente não penso numa descentralização total, sobretudo quando se trata de certos sinais de unidade, como por ex. a Liturgia na sua essência, os Sacramentos também no seu núcleo essencial. Caberá talvez a um sínodo próximo, como desaguadouro da reflexão e da experiência das Igrejas particulares, precisar melhor o que, para o bem da Igreja, deve continuar centralizado e o que deve ser descentralizado. Tenho para mim que João Paulo I aceitará este desafio e nos levará, com a graça do Espírito Santo, a soluções válidas, para o melhor serviço dos irmãos. É possível que entre a data desta entrevista (fins de agosto) e a sua publicação (fins de dezembro) já tenha acontecido muita coisa a esse respeito. De nossa parte nos dispomos a cooperar, da melhor maneira possível, para que o Papa João Paulo realize a sua missão pastoral. Está em jogo a credibilidade da Igreja.

LITURGIA & VIDA

SAUDAÇÃO AO POVO

Depois do canto de entrada, o celebrante, na cadeira, começa a S. Missa com o sinal da cruz: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Toda a assembléia o acompanha e diz no final: Amém.

O celebrante cumprimenta a comunidade, usando alguma fórmula fixa ou ele mesmo formulando a alegria da comunidade que se reúne para celebrar o mistério da Palavra de Deus e da Eucaristia.

Evidentemente esta saudação deve ser curta e substancial. Não antecipa a homilia nem pode ser uma primeira pregação.

Logo em seguida o celebrante mesmo ou um dos ministros anuncia, em breves palavras, o sentido da Liturgia e da festa. Por motivos práticos será possível anunciar o sentido da missa já antes da

procissão de entrada. Também as intenções particulares da S. Missa podem ser colocadas aqui.

Todas estas partes do rito inicial devem ser preparadas, para conseguirem criar o clima de festa e de comunidade que é tão importante para toda a ação litúrgica. Deveria ser regra a boa preparação. O improviso só se justifica excepcionalmente.

Os ritos iniciais determinam de algum modo todo o desempenho da liturgia da Palavra e da Liturgia Eucarística (cf. Instr. 28-29).

1. Na sua comunidade você nota o ar de festa já nos ritos iniciais?
2. Como é que sua comunidade participa dos cantos?
3. Como é que se pode melhorar a participação da comunidade nos atos litúrgicos?